

# **FUTSAL NO ALTO RENDIMENTO**

## **DA TEORIA À PRÁTICA**

**COORDENAÇÃO**

**AFONSO LARANJO  
FERNANDO SANTOS  
PAULO PEREIRA**

**PREFÁCIO**

**PEDRO DIAS**



COORDENADORES

**Afonso Laranjo · Fernando Santos · Paulo Pereira**

TÍTULO

**FUTSAL NO ALTO RENDIMENTO – da Teoria à Prática**

EDIÇÃO

Quântica Editora – Conteúdos Especializados, Lda.  
E-mail: geral@quanticaeditora.pt · www.quanticaeditora.pt  
Praça da Corujeira n.º 38 · 4300-144 PORTO

CHANCELA

Sportbook – Conteúdos de Desporto

DISTRIBUIÇÃO

Booki – Conteúdos Especializados  
Tel. 220 104 872 · E-mail: info@booki.pt · www.booki.pt

APOIO

4COACH · www.4coachsports.com  
SportMagazine – Revista de Treino Desportivo · www.sportmagazine.pt

REVISÃO

Quântica Editora – Conteúdos Especializados, Lda.

DESIGN

Delineatura – Design de Comunicação · www.delineatura.pt

IMPRESSÃO

Fevereiro, 2022

DEPÓSITO LEGAL

490696/21



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.  
Os prejudicados somos todos nós.

Copyright © 2022 | Todos os direitos reservados a Quântica Editora – Conteúdos Especializados, Lda.

A reprodução desta obra, no todo ou em parte, por fotocópia ou qualquer outro meio, seja eletrónico, mecânico ou outros, sem prévia autorização escrita do Editor e do Autor, é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infrator.

Este livro encontra-se em conformidade com o novo Acordo Ortográfico de 1990, respeitando as suas indicações genéricas e assumindo algumas opções específicas.

CDU

796 Desporto. Jogos. Exercícios físicos  
796.3 Jogos de bola

ISBN

Papel: 9789899017993  
E-book: 9789899101005

Catálogo da publicação

Família: Desporto

Subfamília: Desportos Coletivos

# ÍNDICE

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>IX</b>
<b>PREFÁCIO .....</b>	<b>XI</b>
<i>Pedro Dias</i>	
<b>1. A EVOLUÇÃO DO FUTSAL EM PORTUGAL: QUE REALIDADE? .....</b>	<b>14</b>
<i>Emídio Rodrigues</i>	
Questões reflexivas .....	23
Considerações finais .....	24
Referências .....	25
<b>2. ESTRUTURAÇÃO DO PROCESSO DE TREINO: ETAPAS DO TREINO .....</b>	<b>26</b>
<i>Marquinhos Xavier</i>	
<b>2.1. Metodologia de ensino dos princípios ofensivos .....</b>	<b>29</b>
2.1.1. Superioridade em prol do ataque .....	31
2.1.2. Relações de igualdade .....	32
2.1.3. Desequilíbrio em prol da defesa .....	33
Questões reflexivas .....	37
Considerações finais .....	38
Referências .....	39
<b>3. DESAFIOS E ESTRATÉGIAS NA OPERACIONALIZAÇÃO DOS PROCESSOS DE TREINO .....</b>	<b>40</b>
<i>Joel Rocha e Nuno Silva</i>	
<b>3.1. Ponto de partida .....</b>	<b>42</b>
3.1.1. Preparação geral, específica e/ou adaptativa .....	42
<b>3.2. Treino .....</b>	<b>44</b>
<b>3.3. Caminho .....</b>	<b>45</b>
<b>3.4. Linha do tempo para a planificação/periodização .....</b>	<b>45</b>
<b>3.5. Quando e onde jogamos? .....</b>	<b>45</b>
<b>3.6. Análise e avaliação do processo .....</b>	<b>46</b>
<b>3.7. A (des)construção do jogo de futsal .....</b>	<b>46</b>
<b>3.8. O jogo de futsal como um ciclo inquebrantável .....</b>	<b>48</b>
<b>3.9. Dinâmicas práticas .....</b>	<b>49</b>
3.9.1. Organização ofensiva .....	51
3.9.1.1. 1.ª Proposta prática .....	51
3.9.1.2. 2.ª Proposta prática .....	52
3.9.1.3. 3.ª Proposta prática .....	53

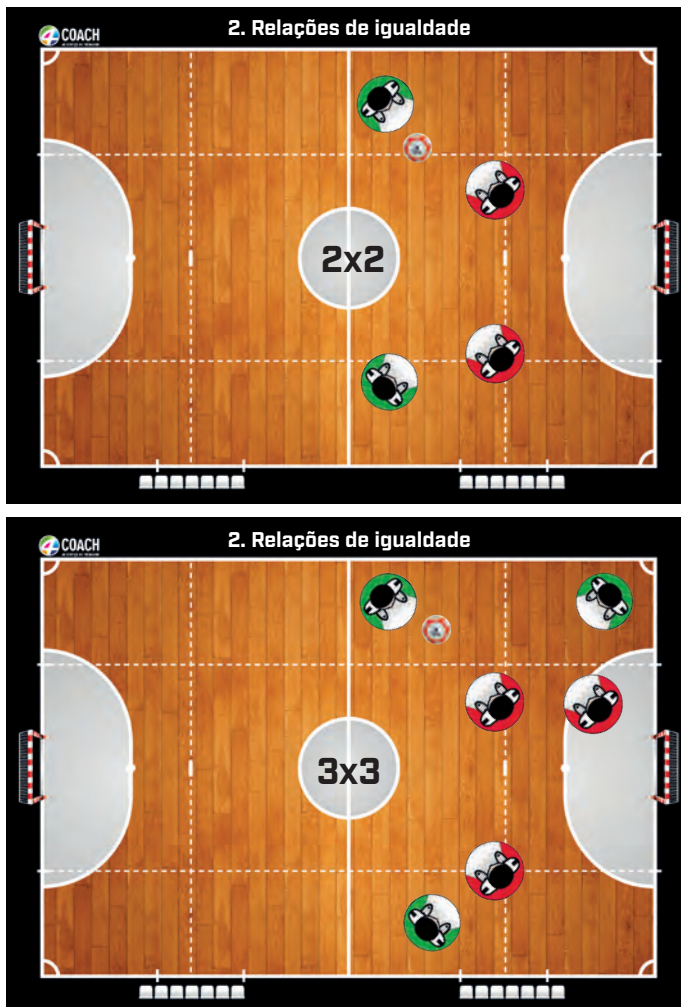
3.9.1.4. 4.ª Proposta prática.....	54
3.9.2. Organização defensiva.....	55
3.9.2.1. 1.ª Proposta prática.....	55
3.9.2.2.2.ª Proposta prática.....	56
3.9.2.3.3.ª Proposta prática.....	57
3.9.2.4.4.ª Proposta prática.....	58
<b>3.10. O exercício representativo como fim ou apenas o início?.....</b>	<b>59</b>
Considerações finais.....	60
Questões reflexivas.....	61
<b>4. O DESENVOLVIMENTO DO ATLETA A LONGO PRAZO: A PERSPETIVA DO SPORTING CLUBE DE BRAGA.....</b>	<b>62</b>
<i>Afonso Laranjo e Paulo Tavares</i>	
<b>4.1. Abordagem global à metodologia adotada pelo Sporting Clube de Braga.....</b>	<b>64</b>
<b>4.2. Metodologia de Coerver.....</b>	<b>65</b>
<b>4.3. Modelo de jogo e a sua adaptação a cada escalão.....</b>	<b>66</b>
<b>4.4. O treino: construção e idealização – da teoria à prática.....</b>	<b>70</b>
4.4.1. Exemplo n.º 1.....	70
4.4.2. Exemplo n.º 2.....	71
Considerações finais.....	75
Questões reflexivas.....	76
Referências.....	77
<b>5. AUTONOMIA NA RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS: PERCEBENDO O JOGO DE FUTSAL DE FORMA INTEGRADA.....</b>	<b>78</b>
<i>Rodrigo Perdigão</i>	
<b>5.1. Ações tático-técnicas individuais e de grupo.....</b>	<b>82</b>
<b>5.2. Minas Tênis Clube: um processo realmente vencedor.....</b>	<b>90</b>
5.2.1. Atividade n.º 1.....	93
5.2.2. Atividade n.º 2.....	94
5.2.3. Atividade n.º 3.....	96
5.2.4. Atividade n.º 4.....	97
Considerações finais.....	99
Questões reflexivas.....	100
Referências.....	101
<b>6. AS FILOSOFIAS E PRÁTICAS DE CLUBES DESPORTIVOS, COORDENADORES TÉCNICOS E TREINADORES DE FUTSAL: DESAFIOS E PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO.....</b>	<b>102</b>
<i>Carlos Soares, Bruno Teixeira e Fernando Santos</i>	
<b>6.1. A importância da formação de treinadores na relação treinador-clubes: A formação de treinadores. Particularidades do contexto português.....</b>	<b>103</b>

6.2.	<b>O papel da formação de treinadores: pressupostos e objetivos.....</b>	<b>105</b>
6.3.	<b>Processo de certificação.....</b>	<b>106</b>
6.4.	<b>Formação de treinadores, filosofia do clube e intervenção do treinador .....</b>	<b>110</b>
6.5.	<b>O significado de qualidade do processo de treino desportivo: necessidade de reflexão.....</b>	<b>113</b>
6.6.	<b>Modelo de jogo e conteúdos de treino: qual o papel do treinador e do clube? .....</b>	<b>115</b>
	Considerações finais.....	116
	Questões reflexivas .....	117
	Agradecimentos .....	118
	Referências.....	119
<b>7.</b>	<b>FUTURO DO FUTSAL EM PORTUGAL: QUE REALIDADE? .....</b>	<b>120</b>
	<i>Jorge Braz</i>	
7.1.	<b>O futuro do futsal.....</b>	<b>121</b>
7.1.1.	De onde vimos?.....	122
7.1.1.1.	Enquadramento cronológico e organizativo do futsal.....	122
7.1.1.2.	Portugal, um caso singular .....	123
7.2.	<b>Onde estamos e o que foi realizado? .....</b>	<b>124</b>
7.2.1.	Estruturas: fortalecer laços internos.....	127
7.2.2.	Clubes: aposta na formação.....	129
7.2.2.1.	O processo de certificação das entidades formadoras .....	131
7.2.2.2.	Qualificar o crescimento.....	132
7.2.2.3.	Etapas iniciais de formação.....	133
7.2.3.	Associações de futebol.....	134
7.2.3.1.	Programa de deteção e seleção de talentos.....	134
7.2.3.2.	Programa de comunicação com os coordenadores técnicos e selecionadores distritais de futsal das associações de futebol.....	135
7.2.4.	O desporto na escola.....	136
7.2.5.	Ensino superior: desporto universitário/conhecimento.....	138
7.2.5.1.	Competições internacionais das seleções escolares e universitárias integradas no calendário nacional da FPF .....	140
7.2.6.	Oportunidades competitivas.....	141
7.2.7.	Seleções nacionais.....	143
7.2.8.	Avaliação do processo: indicadores.....	144
7.3.	<b>Para onde vamos? O futuro do futsal .....</b>	<b>146</b>
	Referências.....	149
	<b>ÍNDICE DE FIGURAS .....</b>	<b>CLI</b>
	<b>ÍNDICE DE TABELAS .....</b>	<b>CLIII</b>

## 2.1.2. Relações de igualdade

### Igualdade numérica.

As igualdades numéricas provocam a necessidade de descobertas tático-técnicas que permitem criar espaços e compartilhar a bola sem perder a objetividade e a posse da mesma (figura 2.2.).



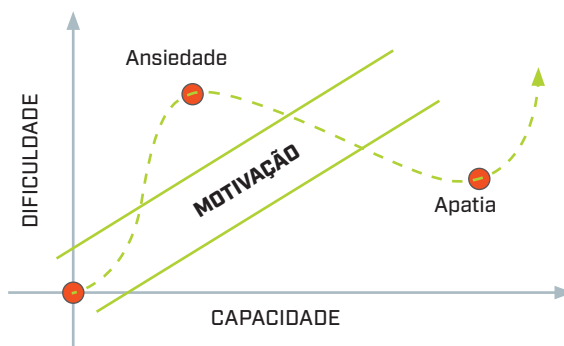
Com as igualdades surgem novos problemas a serem resolvidos, dado termos marcadores diretos para cada atacante. Quando essa relação é equilibrada, os atacantes precisam de descobrir possibilidades de enfrentar a defesa mantendo a posse de bola, criar espaços, compartilhar a posse e a consciência do eu, a bola, o companheiro, o adversário e o espaço-tempo.

**Figura 2.2.** Situações de igualdade numérica.

Nesta perspectiva ao refletirmos sobre as metodologias de ensino dos princípios ofensivos, sob meu ponto de vista, fica claro que devemos propor, inicialmente, estruturas mais simples que facilitem a identificação das possibilidades de ação, das formas como se pode ultrapassar a defesa, as relações entre marcadores diretos e indiretos, além, é claro, da ocupação ordenada dos espaços do campo. Em suma, retirar por alguns segundos a pressão sob o portador da bola permitir-lhe-á pensar com mais tranquilidade, promovendo uma visão mais ampla das possibilidades de ação existentes.

Em termos práticos, o entendimento dos conceitos ofensivos como fixar as bases da defesa, entender o momento de realizar ultrapassagens, cruzamentos, continuidade de movimento, tabelas e desmarcações, estará constantemente presente no processo de ensino e aprendizagem. Ao contrário, quando propomos imediatamente um "jogo real" 5x5, aumentamos de forma considerável o nível de complexidade, de imprevisibilidade e, com isso, impedimos a fixação desses conceitos, diminuindo o tempo de resposta mental/motora e por sua vez os espaços ficam ainda mais escassos dentro do jogo, provocando uma aceleração dos movimentos. Essa relação provoca uma certa incapacidade de identificar componentes importantes, promovendo desordens na estrutura tático-técnica.

Concomitantemente, os atletas passam a movimentar-se no espaço do jogo sem sincronia e anarquicamente, com o objetivo apenas de fugir das relações de confronto, pois vivenciam dificuldades. É importante salientar que dentro do sistema ofensivo, o elemento característico é estar com a posse da bola e isso interfere diretamente na dificuldade de se movimentar e mantê-la sob seu controle. Tais elementos aumentam o desequilíbrio entre a capacidade de realizar a ação e a dificuldade que esta apresenta, gerando ansiedade, principalmente nos atletas de formação, afastando-os de compreender melhor as relações entre ataque/defesa.



**Figura 2.4.** Desequilíbrio entre os níveis de dificuldade vs. capacidade.

Fonte: Elaborada pelo Autor

**Tabela 3.1.** Princípios adotados nos momentos de organização defensiva e ofensiva.

Organização ofensiva	
Sistema ofensivo: 1:3:1	
Princípios ofensivos	<i>Pivot</i> colocado na ala do pé forte ou espaço central deixando espaço livre na ala contrária
	Quem passa ao <i>pivot</i> passa para apoiar e finalizar
	Na ala livre criar situações de paralela, 2x1 na ala ou quebras
	Construção com entrada do ala para o corredor central - Troca Ala / <i>Pivot</i>
	
<b>Figura 3.1.</b>	

Organização defensiva	
Método defensivo: defesa zona	
Princípios defensivos	Abordagem à bola a fechar o espaço central
	Bola na ala - 2 linhas defensivas + GR
	Bola no centro - 3 linhas defensivas + GR
	Cobertura à bola pode ser feita por qualquer linha defensiva
	
<b>Figura 3.2.</b>	



### 3.9.1. Organização ofensiva

Vamos abordar a organização ofensiva começando a aumentar a complexidade dos exercícios, iniciando com um exercício direcionado para as ações individuais e terminando com uma dinâmica coletiva representativa dos princípios definidos anteriormente.

#### 3.9.1.1. 1.ª Proposta prática



Figura 3.3.

**Nível de organização:** Fundamentos.

**Dinâmica:** Jogo 1x1 com um *joker* de cada lado a servir de apoio. Nenhum jogador poderá entrar no campo do adversário. O objetivo do jogo é marcar golo numa das duas balizas que o adversário defende. Se ao fim de três toques não finalizar, pode jogar a bola num dos apoios e trabalhar sem bola para a receber em melhor posição.

**Objetivos:** Trabalhar orientação corporal ofensiva e defensiva, lateralidade ofensiva e defensiva, entrar a pisar a bola no ataque e deslocamento defensivo na trajetória, trabalhar sem bola no contexto ofensivo e defensivo.

**Variante:** Podem ser colocados os dois jogadores num dos  $\frac{1}{2}$  campos e estaremos a direcionar a nossa atenção para o jogo de *pivot* versus *fixo* em função do lado da bola e posterior jogo de costas. Todas as restantes regras se mantêm inalteráveis.

**Nível de organização:** Trabalho da 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> linha(s) defensiva(s).

**Dinâmica:** Jogo Gr+2+3x3+2+Gr com jogo 3x3 na zona central e cada equipa terá dois apoios na zona lateral. Os apoios só poderão receber bola caso o passe seja feito na diagonal ou se a bola entrar no corredor central e aí entrarão os dois apoios ao mesmo tempo. Quem passa para o apoio troca de função.

**Objetivos:** Trabalhar pressão na bola fechando o corredor central, 2.<sup>a</sup> linha no corredor central, recuperação rápida da 1.<sup>a</sup> linha quando ultrapassada, rotação defensiva mantendo a pressão na bola.

**Estratégias e opções:** Este exercício pretende trabalhar já uma dinâmica interessante do ponto de vista defensivo, pois será necessário rodar defensivamente mantendo a pressão na bola e impedindo a progressão do adversário (que será feita utilizando o corredor central). A 2.<sup>a</sup> linha deverá estar no corredor central para poder rapidamente corrigir qualquer erro da 1.<sup>a</sup> linha. A vantagem mais significativa do ataque será no corredor central e dessa forma a defesa terá tendência para fechar esse espaço. Se se pretender acrescentar complexidade, poderá ser permitido que o apoio do lado da bola entre caso o atacante consiga inverter o sentido de jogo e aí estaremos a trabalhar a defesa de um movimento muito utilizado para ultrapassar uma defesa zona. Os jogadores terão de ler distância e tempo para rodar ou saltar a defesa. Este exercício tem um perfil misto do ponto de vista fisiológico entre distância de alta intensidade e de acelerações e travagens.

### 3.9.2.3. 3.<sup>a</sup> Proposta prática

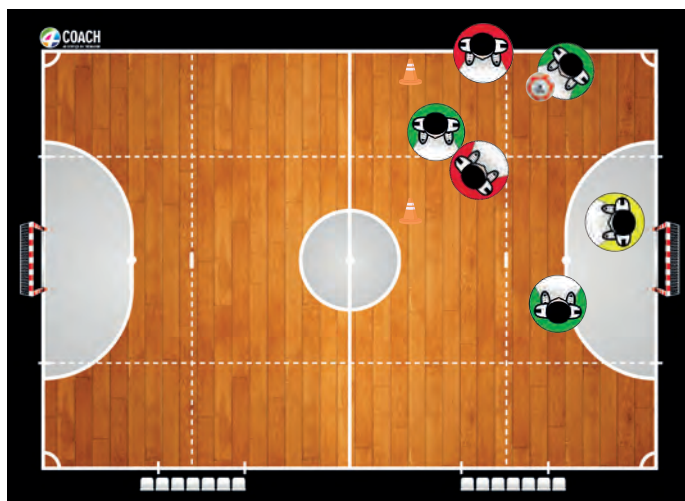


Figura 3.9.

**Tabela 4.4.** Exemplo de microciclo.

Microciclo 10   SC Braga 2020/21						
Microciclo 10   Exemplo						
2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira	Sábado	Domingo
dd/mm	dd/mm	dd/mm	dd/mm	dd/mm	dd/mm	dd/mm
Saídas de pressão 3-1 e 4.0 <b>[40x20]</b>  Ataque contra defesa <b>[30x20]</b>  Jogo formal c/ correções <b>[40x20]</b>	Posse de bola <b>[20x20]</b>  1x1 <b>[15x20]</b>  1x1 + pivô e fixo <b>[20x20]</b>  Jogo Gr + 2 vs 2 + Gr <b>[20x20]</b>  Jogo Gr + 3 vs 3 + Gr <b>[25x20]</b>	Posse de bola <b>[30x20]</b>  Transições 2 vs 1 e 3 vs 2 <b>[30x20]</b>  3x3 + joker e defensor <b>[30x20]</b>  3x3 com situação de pivô na linha de fundo <b>[30x20]</b>	Circulações (3:1) e (4:0) <b>[40x20]</b>  2 vs 0 + 1 <b>[40x20]</b>  Jogo formal (SP; Canto; PLL) <b>[40x20]</b>  5x4 ofensivo e defensivo <b>[30x20]</b>	<b>Folga</b>	<b>Dia de Jogo</b>	<b>Folga</b>

Como resultado do processo de treino e da implementação da nossa ideia de jogo e de treino, pretendemos que um atleta júnior e consequentemente no final da sua etapa de formação seja possuidor do seguinte perfil:

**Tabela 4.5.** Perfil pretendido para um guarda-redes à SC Braga no final da sua etapa de formação.

Guarda-redes		
Qualidades	A atacar	A defender
Táticas	Posicionamento: oferecer linha de passe, fora dos postes Controlo da velocidade de jogo Eleição: jogar curto em organização e jogar longo em contra-ataque ou para aproveitar a desorganização do adversário.	Comunicação Posição Conhecer/Controlar as diferentes formas de defender Atitude de pensar e executar
Físicas	Velocidade de reação Velocidade de análise Velocidade de curta duração Força Agilidade	
Técnicas	Uso da velocidade Passe com o pé e com a mão (distância, direção e velocidade)	Domínio do 1x0+GR Controlo de remates
Personalidade	Desejo de manter a baliza inviolável Estabilidade (evitar riscos) Controlo emocional Capacidade de comunicação com os colegas Disciplinado e responsável	



**Figura 5.1.** Características do futsal.

Fonte: Elaborado pelo autor

A **figura 5.1.** caracteriza o futsal como uma modalidade em que a imprevisibilidade e a possibilidade de ação do adversário se apresentam como aspectos que interferem diretamente na relação entre perceber o que ocorre no campo de jogo e escolher a melhor ação motora em resposta.

## 5.1. Ações tático-técnicas individuais e de grupo

O nível de desempenho do atleta vai aumentando na medida em que ele consegue executar as suas ações motoras da forma mais correta possível, baseando-se em informações que tenham sido retiradas do meio ambiente, ou seja, o atleta entende o jogo e, a partir das pistas ou sinais relevantes, ele toma as suas melhores decisões.

Tais análises e percepções são individuais, ou seja, uma relação exclusiva entre o praticante e o meio em que está inserido. Segundo Konzag e Konzag (1980, citado por Samulski, 2002), há que perceber o espaço de jogo, a bola, a meta, os seus companheiros e os seus adversários. Ressaltam também que o atleta deve perceber todos os objetos acima descritos, levando em consideração a percepção dos seus próprios movimentos.



**Figura 5.2.** Percepção de objetos.

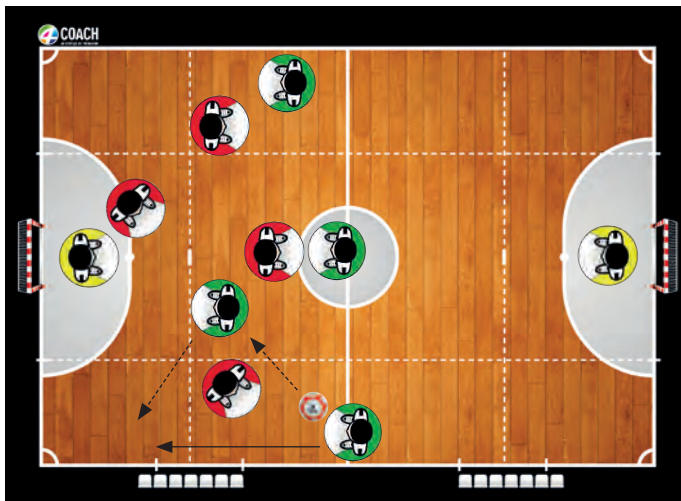
Fonte: Baseada em KONZAG; KONZAG,1980.

Entretanto, perceber vai além de apenas encontrar o espaço livre, um companheiro ou mesmo um adversário numa determinada situação. Segundo Eberspächer (1987, p. 468): *“Percepção entende-se como o processo de apreciar a realidade, e também da vivência dos sentidos ao receber, perceber, transmitir as informações e, conseqüentemente, os conhecimentos sobre si e o seu determinado meio ambiente. Este conhecimento é requisito para a orientação sobre possibilidades e limites de uma ação, adaptada à situação.”*

Os sinais relevantes não se apresentam de forma isolada, isto é, sem uma lógica que permita ser reproduzida em treino, exigindo assim do praticante a utilização de todos os canais sensoriais disponíveis, principalmente a visão, para, assim, realizar a sua ação.

Baseando-se na literatura, há como inferir que perceber vai além de ver, sentir ou tocar. Perceber é dar sentido àquela sensação, baseando-se em experiências anteriores. Pensando no futsal, podemos dizer que não adianta apenas ver a bola no espaço de jogo ou mesmo tocar no seu companheiro. Cabe a cada praticante dar o sentido àquela sensação ou visão através das suas vivências passadas. Tais experiências poderão ser utilizadas no futuro, criando assim um ciclo virtuoso que possivelmente tornará o atleta mais capaz e apto em oportunidades posteriores.

Para facilitar a compreensão, podemos exemplificar a importância da percepção na ação técnica de passe. Esta ação é certamente a mais frequente num jogo de futsal. Quando observamos um atleta a passar a bola ao seu companheiro de equipa parecemos uma ação simples e de fácil execução, no entanto essa ação técnica é alicerçada por muitas análises prévias, muitas percepções que conferem a esta ação uma conotação tática e um sentido estratégico que pode favorecer, ou não, o raciocínio do jogo.



**Figura 5.5.** Realização da tabela.

A ação acima é denominada de **tabela** e de *one-two* (1-2) em países de língua inglesa e apresenta-se como uma das ações mais frequentes em jogos de futsal, sendo um exemplo claro de ações táticas individuais somadas com um propósito único: ultrapassar um adversário direto. Ações como essas são altamente recorrentes e, muitas vezes, não nos damos conta de que as interações entre as duplas e trios são determinantes para o bom ou mau andamento do jogo.

Algumas dessas ações de grupo são extremamente conhecidas por nós, treinadores, devido à tamanha incidência nos jogos de futsal. Podemos destacar algumas na **tabela 5.2**.

**Tabela 5.2.** Ações táticas de grupo.

Ações ofensivas	Ações defensivas
Bloqueio	Ajuda
Corta luz	Cobertura
Cruzamento	Dobra
Engajamento	Troca de marcação
Tabela	

Algumas das ações descritas não são abordadas na literatura específica da modalidade como: bloqueio, cruzamento e, principalmente, o engajamento. As demais, mesmo sendo de conhecimento geral, não são encontradas na literatura com frequência como ações combinadas entre duplas ou trios, partindo, como foi citado, da análise e percepção deles próprios. Podemos notar que muitas manobras são predetermina-

Para facilitar a compreensão, bem como para manter uma lógica de processos que sejam muito próximos da realidade, apontaremos atividades que estimulem a percepção de sinais relevantes, onde a defesa e o ataque se deverão comportar em função do que conseguirem analisar por parte da equipa adversária.

### 5.2.1. Atividade n.º 1

**Nível de organização:** Aquecimento e preparação para as demais atividades.

**Dinâmica:** Jogo dividido em três equipas de quatro atletas, identificados por coletes de cores diferentes. O espaço destinado à atividade deverá ser definido em função do nível dos atletas. Sugere-se utilizar o espaço maior para atletas iniciantes. Assim, na medida em que os atletas evoluem, o espaço passa a ser menor ou a quantidade de atletas participantes maior.

**Objetivo:** Criação de linhas de passe, organização corporal e percepção de sinais relevantes.

**Variante:** Para gerar maior complexidade, o treinador pode limitar o número de toques na bola e/ou pode aumentar ou diminuir o espaço de jogo. Pode também criar regras que impeçam que o passe seja destinado a atletas que tenham a mesma cor de colete. No exemplo abaixo, utilizaremos todo o espaço do campo com três equipas de quatro atletas, jogando assim, 4x4x4.

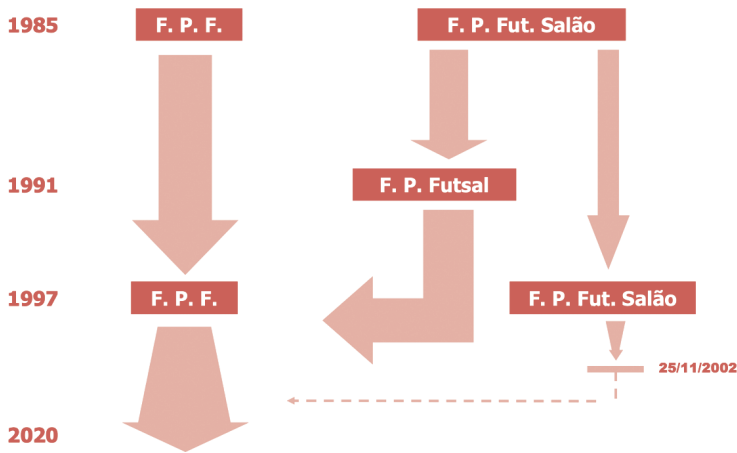


**Figura 5.7.** Atividade prática n.º 1.

Fonte: Elaborada pelo autor

dos, com a criação de uma comissão nacional, na FPF, de gestão para a modalidade. Com esta união o número de equipas e de atletas aumentou consideravelmente. Foi um momento muito importante e marcante no crescimento e conseqüente desenvolvimento do Futsal em Portugal.

Na época de 2000/01, criou-se o primeiro Campeonato Nacional de Futsal nos moldes que vigoraram até à época de 2003/04. Na época 2004/05 entraram em vigor os *play-offs*, com o objetivo de trazer uma, ainda, maior espetacularidade à modalidade. No momento de publicação desta obra, existem cerca de 36 467 atletas, em todos os escalões e sexos, a nível nacional, distribuídas pelas várias associações distritais, sobre a égide da FPF.



**Figura 7.1.** A evolução do futsal em Portugal [diapornível em anexo].

Fonte: Adaptado de Rocha, 2005.

## 7.2. Onde estamos e o que foi realizado?

Sempre fomos considerados um país com paixão pelo futebol, onde tudo o que se joga com os pés nos atrai. É cultural e desperta uma enorme paixão nos portugueses, desde os treinadores de bancada aos *opinion makers*, apaixonados desportivos e clubísticos. A relevância social é clara, dado o impacto cultural que tem na vida das pessoas.

Este potencial evidente, do qual o futsal faz parte, exigia que fosse definido um caminho claro para a orientação e qualificação da modalidade, a crescer significativamente. De uma forma global, seria importante criar medidas concretas, desenvolver e implementar programas, envolvendo todos os agentes da modalidade, permitindo assim definir um rumo!

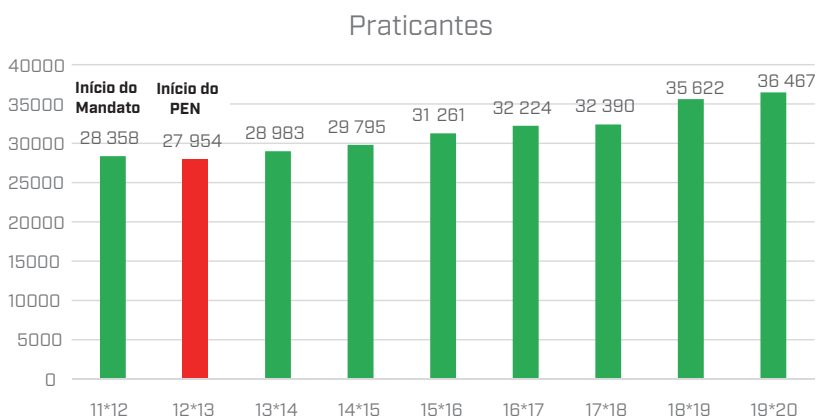


- Gestão**, mais qualificada em todos os níveis de organização da modalidade com vista à obtenção de recursos económicos e financeiros capazes de suportar o crescimento qualitativo e quantitativo projetado;
- Comunicação**, interna e externa, eficaz na promoção e suporte do crescimento projetado para a modalidade.

Claro está que os fatores críticos para o sucesso do Plano Estratégico Nacional (PEN) Futsal seriam:

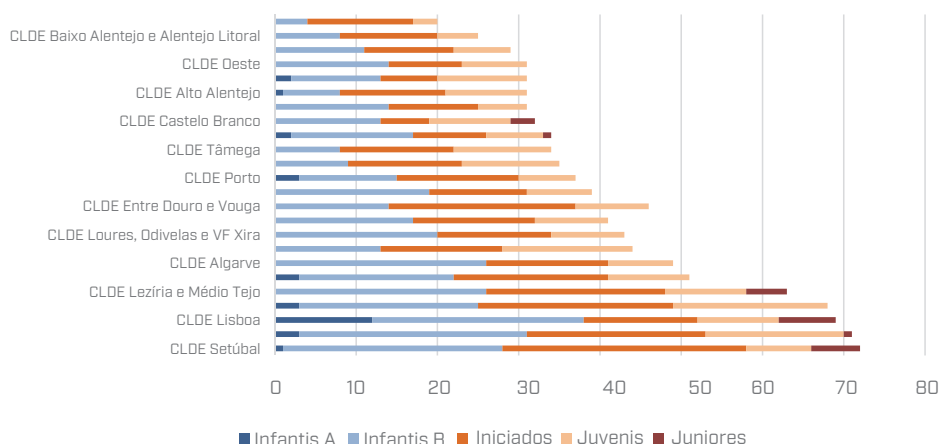
- O apoio da liderança estratégica da FPF, nomeadamente a direção e o seu presidente;
- A construção participada, onde os diversos agentes desportivos foram cruciais na identificação do caminho a percorrer;
- O alinhamento e compromisso dos diferentes agentes desportivos no rumo que estava traçado.

Este processo iniciou-se em fevereiro de 2012, tendo sido apresentado em outubro do mesmo ano. O grau de implementação do PEN Futsal (janeiro 2013 a dezembro de 2017), no que diz respeito aos programas implementados, foi de 87%. No momento atual, a totalidade dos programas previstos foram implementados, considerando que houve necessidade de reformular e avaliar algumas medidas e implementar novos programas nos anos seguintes.



**Figura 7.3.** Evolução do número de atletas de futsal.

### Escalões de prática de Futsal no Desporto Escolar, por CLDE



**Figura 7.9.** Escalões de prática de futsal no Desporto Escolar, por CLDE.

O trabalho realizado no futsal no âmbito do Desporto Escolar constitui uma rede de oferta da modalidade que é de considerar pelo volume de oferta que representa, pela implementação a nível nacional que tem, por proporcionar as primeiras experiências de prática desportiva e ser, por isso, estratégica no desenvolvimento do praticante (Braz, Raphael e Romero, 2020).

Se analisarmos as estruturas existentes na organização da modalidade, em ambos os sistemas, educativo e federado, facilmente verificamos algumas correspondências!

Estruturalmente, o Desporto Escolar está dividido em CLDR e CLDE, tendo um coordenador nacional por modalidade. A FPF tem, como estrutura técnica nacional, o selecionador nacional, que coordena metodológica e administrativamente todo o Futsal Nacional, assumindo funções de diretor técnico nacional. Na equipa técnica nacional, existe um coordenador das seleções nacionais de futsal masculinas de formação e um coordenador das seleções nacionais de futsal femininas de formação, para além dos restantes treinadores nacionais. As estruturas de apoio à FPF, os seus sócios, são as associações de futebol, divididas pelos diferentes distritos do país. Cada associação de futebol tem um selecionador distrital de futsal, sob a responsabilidade do coordenador técnico distrital. Pelos vistos, até estruturalmente, encontramos algumas semelhanças em ambas os sistemas. O Desporto Escolar, em cada CLDE tem um professor responsável por modalidade, que, na maioria dos casos, não será apenas responsável por uma única modalidade, mas sim por várias. Ou seja, neste caso, poderá não ser um professor unicamente responsável pelo futsal. No entanto, continuamos a verificar alguns elos de ligação.

**Tabela 7.3.** Nível competitivo da Liga de Futsal [1.ª Divisão].

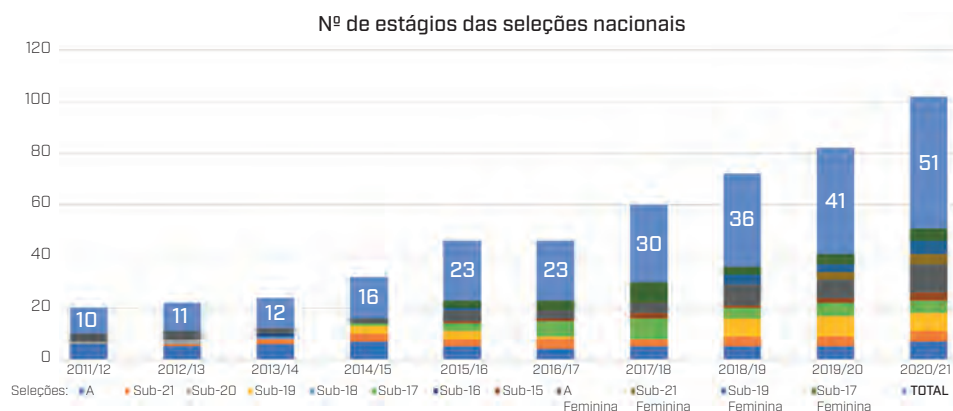
\*A época 2019/20 não foi concluída por força da pandemia de Covid-19.

Época	Equilibrado	%	Desequilibrado	%	Muito desequilibrado	%	Total Jogos
2019/20	93	66%	30	21%	17	12%	140*
2018/19	144	71%	38	19%	21	10%	203
2017/18	150	75%	23	12%	27	14%	200
2016/17	141	71%	35	18%	24	12%	200
2015/16	141	70%	35	17%	26	13%	202
2014/15	154	77%	30	15%	16	8%	200

### 7.2.7. Seleções nacionais

As seleções nacionais proporcionam aos jogadores a oportunidade de treinar e competir num elevado grau de exigência, dado que os melhores jogadores se reúnem neste espaço. O nível do futsal nacional nos diferentes escalões e géneros pode ser aferido nestes momentos. Qual o nível de conhecimento do jogo que os jogadores possuem? Como estão desenvolvidos os diferentes fatores de rendimento nos nossos melhores jogadores, nas diferentes etapas de formação, em ambos os géneros? No fundo, podemos avaliar e perceber as principais lacunas e competências dos jogadores que supostamente estão num nível de competência mais elevado, dentro de cada etapa formativa.

Aumentar o número de oportunidades para estar em estágio com as seleções nacionais era muito importante. Ao longo das últimas épocas desportivas, tentámos proporcionar com lógica e coerência diferentes momentos de contactos internacionais aos nossos jovens jogadores, masculinos e femininos.



**Figura 7.12.** Número de estágios das seleções nacionais nas últimas épocas desportivas.

# FUTSAL NO ALTO RENDIMENTO DA TEORIA À PRÁTICA

COORDENAÇÃO

**AFONSO LARANJO**

**FERNANDO SANTOS**

**PAULO PEREIRA**

## Sobre a obra

Este livro surge pela necessidade de promover a partilha de experiências de treinadores de futsal inseridos em contextos de alto rendimento e de contribuir para um diálogo acerca dos desafios que se colocam nestes contextos, bem como das estratégias usadas.

A partir do contributo de diversos treinadores de futsal de Portugal e Brasil foi reunido um conjunto de boas práticas que podem ser úteis para diversos agentes, como estudantes do ensino superior afetos à área do desporto, treinadores, coordenadores técnicos, entre outros.

## Sobre os coordenadores

**Afonso Laranjo** é coordenador da Academia de Futsal no Sporting Clube de Braga, exercendo funções de treinador principal da equipa Sub19 e treinador principal da equipa masculina da Universidade do Minho. Neste momento, encontra-se também a colaborar em projetos desenvolvidos pela Escola Superior de Educação do Porto no domínio do futsal.

**Fernando Santos** é professor adjunto convidado na Escola Superior de Educação do Porto, responsável pela unidade curricular 'Futsal' do curso de Licenciatura em Desporto da mesma instituição e investigador integrado no Centro de Investigação e Inovação em Educação (inED).

**Paulo Pereira** é professor coordenador na Escola Superior de Educação do Porto, coordenador do curso de Licenciatura em Desporto da mesma instituição, sendo também investigador integrado no Centro de Investigação e Inovação em Educação (inED).

## Apoio



**Sport**MAGAZINE

Também disponível em formato e-book



ISBN: 978-989-901-799-3



[www.sportbook.pt](http://www.sportbook.pt)

**sportbook**